

O livro português nas «bocas» do mundo

LITERATURA

□ Miguel Serrano

A voz do editor: Felizmente os livros de autores portugueses começaram a vender-se tanto ou mais que as traduções.

Felizmente! O facto se de todo não avaliza a qualidade da literatura portuguesa, mormente a ficção já que a poesia foi sempre ponto alto na nossa tradição cultural — começou-se pela poesia, escrevem-se novelas que são poemas... — dele, do facto há que tirar uma perspectiva animadora e mais apelativa que a voz do editor.

Perante uma **velha** e perturbadora indiferença da gente leitora, este sinal mais, sem que se possa integrar num contexto cultural mais vasto — tudo vai bem no reino da Dinamarca, ou somos um país de leitores —, veicula ao exercício da informação uma maior responsabilidade, sobretudo àqueles órgãos de maior audiência, como a televisão e a rádio. Que abram mais os cordões aos livros e menos à bolsa.

Nomes como Saramago, José Cardoso Pires, Urbano Tavares Rodrigues, Lobo Antunes, Baptista-Bastos, Fernando Namora, Vergílio Ferreira, Lídia Jorge, Agustina Bessa Luís, tantos outros têm obras traduzidas em todo o mundo culto e são sinal de garantia para um público — o nosso — mais vasto, mais interessado.

A literatura portuguesa que foi precária de interesse justamente por ser portuguesa, isto é por aquela **velha infelicidade** que o estrangeiro é que é bom, robusteceu-se, para além de Camões e Eça — e se Camilo foi grande! — e ganha neste momento forças para novas e agradáveis viagens. E mais leitores ganharia se o ensino fosse outro e diferente, se entre a escola e a estética, o fenómeno poético e o criativo houvesse uma articulação real, se as crianças não fossem para a escola para deixar de ser... crianças. Adiante!

O que está em causa neste escrito, o que ele se propõe é mencionar, à maneira do apanhado resumo que todos os anos por esta altura se costuma fazer, os nomes dos escritores e respectivas obras que, a nós, leitores, mais nos cativaram, mais nos ensinaram, mais compa-

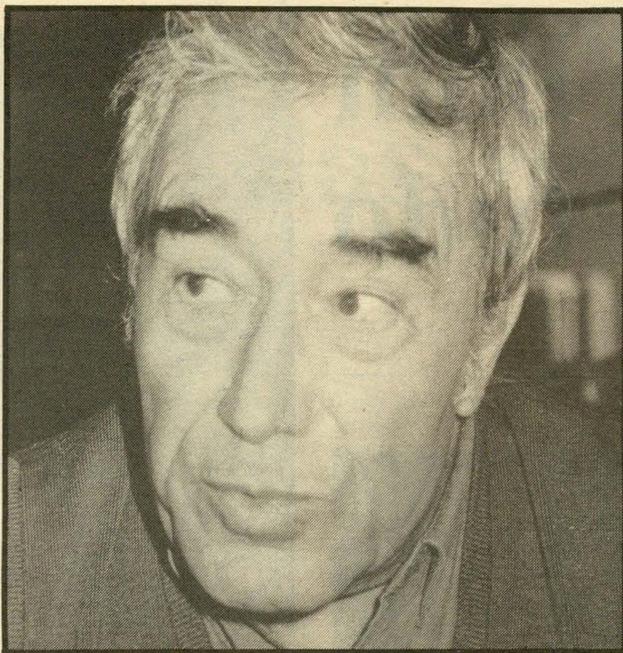
nhia nos fizeram, melhor nos identificaram com os seus personagens, mais participaram no jogo que sempre se estabelece entre o escritor e quem o lê.

E sendo assim, aqui temos desde logo quatro nomes para quatro títulos: José Cardoso Pires com «**Alexandra Alpha**» — a ironia que sublinha de forma admirável as **ressonâncias** de uma burguesia desocupada; retrato de um grupo de personagens inesquecíveis, observado com astúcia e rigor exemplares; Baptista-Bastos «**A Colina de Cristal**» — a ternura pelos lugares e pelas pessoas, a escrita rigorosa, espaço e jogo de uma lucidez dorida, um espantoso poder de expressão; «**Espingardas e Música Clássica**» de Alexandre Pinheiro Torres — ainda a ironia, ainda o jogo e o óculo assente sobre este lugar que é português, um livro muito especial; João de Melo «**Entre Pássaro e Anjo**» — contos de afirmação de um grande escritor, incidência maior de certos tipos, vanguarda estética, uma matriz ainda com «**Autópsia de um Mar de Ruínas**».

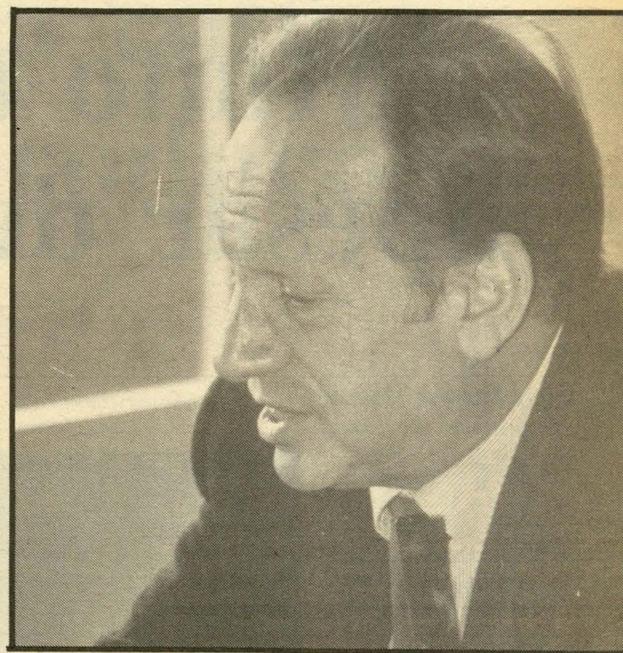
Para além destes nomes muitos outros. Felizmente. Retomamos o **felizmente** com alegria, com prazer, pelo gosto do livro, pelo amor a. «**A Corte do Norte**» de Agustina Bessa Luís; «**Soma**» de Hélia Correia; «**Os Pregos na Erva**» de Maria Gabriela Llansol; «**Regresso por um Rio**» de Francisco José Viegas; «**Psiché**» de Fernando Campos; «**Vindimas no Capim**» de José Brás; o teatro de Rovisco Pais, que foi jovem e talentoso; a reedição do livro «**O Ano de 1983**» de José Saramago, um escritor de outra dimensão, para além das nossas fronteiras; as autobiografias de Mário Dionísio e Fernando Namora e tantos outros textos que incluídos no dizer de **salvo o erro e omissão** aqui não surgem, mas que igualmente entregaram à ficção portuguesa um dos seus maiores desafios de sempre, sobretudo pelo que se tem passado nestes anos pós 25 de Abril.

Desafio grande reside também no ensaio histórico ou literário; igualmente na poesia.

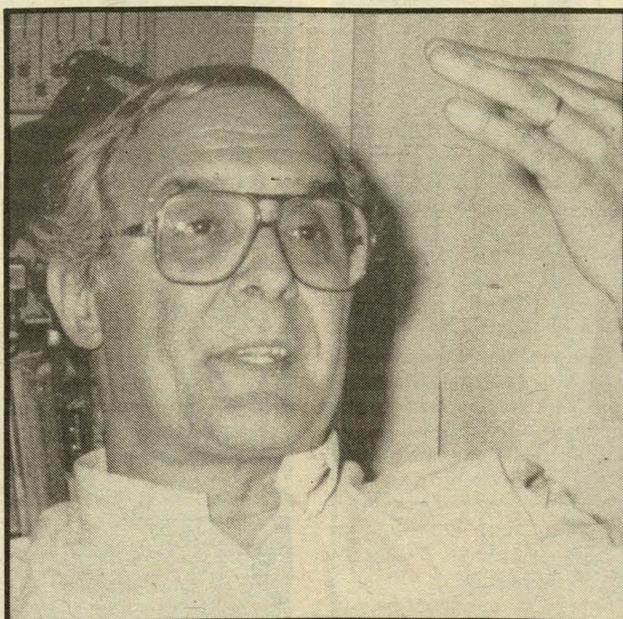
Textos como «**A Inquisição de Évora**» de António Borges Coelho; «**Na-**



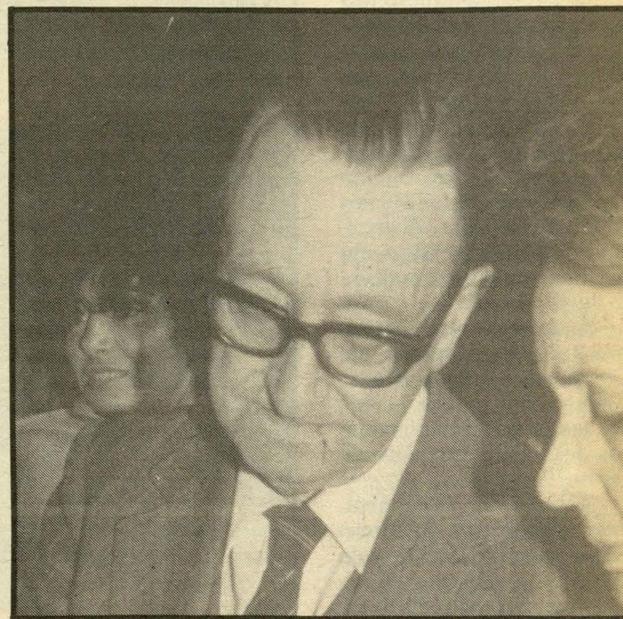
José Cardoso Pires: «Alexandra Alpha», a ironia devastadora num romance que é denúncia de mitos



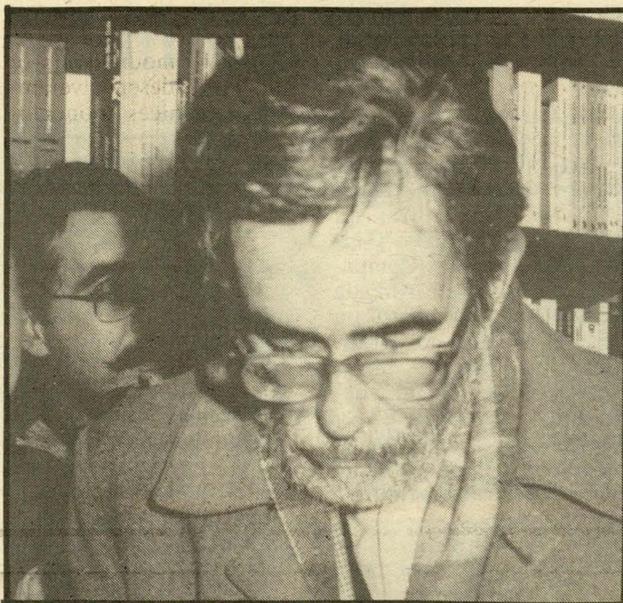
David Mourão-Ferreira: A poesia de mármore, no mármore da poesia



Baptista-Bastos: Um muito belo romance, ou o livro dos lugares, das ruas e das pessoas



Luís de Albuquerque: Descobrimientos e navegadores, para além de aventureiros, um texto apaixonante



António Ramos Rosa: A poesia do amor e da interioridade



António Borges Coelho: A história da inquisição num documento impressionante

veadores, Viajantes e Aventureiros Portugueses de Luís de Albuquerque; «**Entre Fialho e Nemésio**» de Óscar Lopes; «**Estudos Ibéricos — Da Cultura à Literatura, Séculos XIII a XVII**» de Maria Idalina Resina Rodrigues; «**Várias Vozes**» de Vasco da Graça Moura; «**A Gestão dos Recursos Humanos e os Direitos dos Trabalhadores**» de Anselmo Aníbal e Vítor Costa; «**Ensaio Sobre a Poesia Portuguesa**» de António Ramos Rosa; «**Correspondência de Camilo**» de Alexandre Cabral — textos desta qualidade constituem sinal mais do que evidente da vitalidade actual da literatura deste País, momento de exemplar criatividade e testemunho do acto da es-

crita, manifesto de consciência que poder ser prenúncio de uma apreciável viragem.

Na poesia surgem desde logo os nomes de António Ramos Rosa «**No Calcanhar do Vento**»; David Mourão-Ferreira «**O Corpo Iluminado**»; Al Berto «**O Medo**»; Fernando Assis Pacheco «**Variações em Sousa**»; «**Vertentes do Olhar**» (já saído em Espanha) de Eugénio de Andrade; «**A Poesia**» de Ruy Cinatti, a «**Poesia Completa**» de J. Miguel Fernandes Jorge; «**A poesia**» de Luís Miguel Nava; «**Mas**» de Joaquim Pessoa; «**O Rosto e o Verso**» de José Correia Tavares; «**Rosa Sangrenta**» de Maria Teresa Horta, e outros livros, outros nomes

que, na sua pluralidade, vieram enriquecer o nosso já riquíssimo património poético.

Na literatura para os mais novos ocorrem-nos desde logo citar José Jorge Letria, Prémio «**O Ambiente na Literatura Infantil**»; Alice Vieira; Carlos Correia; António Torrado; Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada e outros.

E terminamos com a certeza que muitos foram os esquecidos o que desde logo nos penaliza, como um leitor/amador, alegrando-nos no entanto, a ousadia de aqui divulgarmos alguns títulos e nomes de escritores que durante o ano transacto trouxeram ao romance, ao conto, à novela, à poesia e ao ensaio precio-

sos elementos para a história da cultura portuguesa.

Não queremos aqui deixar sem registo, o fabuloso álbum dedicado à pintura de Armando Alves (Oiro do Dia/Porto) numa das mais notáveis iniciativas editoriais do ano e que será sem dúvida marco referencial.

... e, veja bem o leitor como elas acontecem, quase nos escapa esse estudo de António Vitorino d'Almeida chamado «**Música e Variações**» e a peça de teatro que o teatro justificou «**A Segunda Vida de Francisco de Assis**» de José Saramago.

E agora sim, acrescente você as obras que lhe agradarem e saudemos juntos o livro e os autores, sabendo que nada é definitivo.